

## TERRITÓRIOS CRUZADOS – UMA EXPERIÊNCIA DE PESQUISA COLETIVA EM ARTES VISUAIS

### CROSSED TERRITORIES - A COLLECTIVE RESEARCH EXPERIENCE IN VISUAL ARTS

João Augusto Cristeli / UFMG  
Juliana Gouthier Macedo / UFMG  
Márcia Norie Seo / UEMG

#### RESUMO

O artigo apresenta o processo de construção de uma pesquisa artística e poética coletiva, traduzida por uma instalação de 100 peças de cerâmica flutuantes em um espelho d'água, realizada pelo Grupo de Pesquisa Cultura do Barro. A partir da proposição de se desenvolver uma reflexão sobre a *complexidade das origens das histórias*, foi desencadeada uma investigação a partir da conformação do grupo, tendo como suporte a proposta de Passos e Kastrup (2015), na qual a cartografia se apresenta como uma “reversão metodológica: transformar o méta-hódos em hódos-méta”. Nessa trajetória de pesquisa, evidenciou-se o entrelaçamento de ações envolvendo diferentes grupos e pessoas, iniciado há dez anos e, até então, aparentemente desconectados. No percurso, com atenção aos rastros/resíduos Glissant (2005), evidenciou-se a grande potência, nos territórios cruzados, das “imagens agentes” propostas por Frances Yates (2007).

#### PALAVRAS-CHAVE

Territórios – Pesquisa coletiva – Cerâmica

#### ABSTRACT

*The article discuss the process of constructing a collective artistic and poetic research, represented by an installation of 100 ceramic pieces floating in a mirror of water, performed by Grupo de Pesquisa Cultura do Barro. From the proposition to develop a reflection on the complexity of the origins of the stories, an investigation was triggered from the conformation of the group, having as support the proposal of Passos and Kastrup (2015), in which cartography presents itself as a “methodological reversal: transforming the méta-hódos into hódos-méta”. In this research/action trajectory, the interlacing of actions involving different groups and people, initiated ten years ago and, until then, apparently disconnected. In this journey, through the crossed territories related with “residual traces” Glissant (2005), was evidenced the power of “agente images” proposed by Frances Yates (2007).*

#### KEY WORDS

Territories - Collective research – Ceramics

*Uma verdadeira viagem de descoberta não se resume à pesquisa de novas terras, mas envolve a construção de um novo olhar.*  
(Marcel Proust)

## **Contextualizando**

Uma ação poética não se dá aleatoriamente, ainda que esteja essencialmente imbricada ao acaso, à imprevisibilidade. Envolve o rigor da pesquisa artística que, por sua vez, demanda uma atenção às intuições e aos afetos, sem os quais, “não há inteligência, nem sentido” (GORZ, 2012, p.31). E, diante da provocação de se construir uma reflexão “sobre a complexidade das origens das histórias, ações, práticas e transformações que compõem culturas e suas dinâmicas”, nos sentimos instigados a compartilhar parte da trajetória do Grupo de Pesquisa Cultura do Barro<sup>1</sup>, buscando alguns indícios/inícios de um estado permanente de pesquisa instaurado há dez anos.

Em 2009, três acontecimentos se entrelaçavam. Ainda que, na época, se apresentassem aparentemente desconectados, vistos à distância, evidenciam o início de uma trajetória de pesquisa coletiva.

Um deles foi desencadeado pelo achado de uma cerâmica arqueológica no norte de Minas Gerais, na aldeia de Rancharia, nas terras indígenas Xacriabá<sup>2</sup>, no município de São João das Missões, a dez quilômetros da margem esquerda do Rio São Francisco. Na ocasião, o professor da Escola de Belas Artes, João Cristeli, foi convidado para participar do trabalho de conservação do artefato (Figura 1) com a participação de Nilma Rodrigues de Souza, Abel Nunes de Oliveira e Ednei de Jesus Souza, membros da comunidade da Aldeia Rancharia.

CRISTELI, João Augusto; MACEDO, Juliana Gouthier; SEO, Márcia Norie. Territórios cruzados – uma experiência de pesquisa coletiva em artes visuais, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1838-1850.



Figura 1- Fragmentos e reconstituição da urna encontrada em 2009, nas terras Xacriabá.  
Fotos: João Cristeli – 2009

Também em 2009, um grupo de professores/as e estudantes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (EBA/UFMG), buscando lugares diferentes para realizar queimas alternativas de cerâmica, ficou sabendo que dentro do próprio Campus da Pampulha, sede da universidade, na área da Estação Ecológica, havia um forno antigo desativado. Na primeira visita ao espaço, o grupo ficou conhecendo o forno, construído em 1955, como parte de um projeto de uma Olaria (Figura 2) construída no local como fonte de recursos para a manutenção do Lar dos Meninos Dom Orione, uma instituição filantrópica.

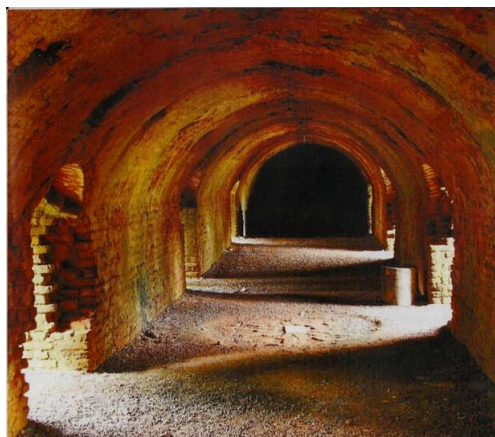


Figura 2- Interior do forno da antiga olaria, na área da Estação Ecológica da UFMG. Acervo Grupo de Pesquisa Cultura do Barro

CRISTELI, João Augusto; MACEDO, Juliana Gouthier; SEO, Márcia Norie. Territórios cruzados – uma experiência de pesquisa coletiva em artes visuais, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1838-1850.

Além da descoberta arqueológica e do primeiro contato com o antigo forno, ainda em 2009, alguns encontros entre estudantes e professores/as da EBA/UFMG com a artista e ceramista Adel Souki desencadeou a sistematização do projeto “Cerâmica: Uma Proposta Contemporânea”, dentro do programa Artista Visitante<sup>3</sup> da Pró-Reitoria de Pesquisa (PRPq). Aprovado em 2009, o projeto aconteceu no primeiro semestre de 2010, durante quatro meses, com dois encontros semanais, reunindo 12 pessoas, selecionadas entre estudantes da EBA e a comunidade em geral, quando foram abordados temas como a pesquisa de materiais, procedimentos cerâmicos e a produção contemporânea em cerâmica em diferentes regiões do mundo.

O trabalho foi desenvolvido associando às inúmeras possibilidades do manuseio do barro, a discussão de questões individuais e coletivas, como eixos para os processos de criação artística. Foram apresentadas ao grupo diferentes matérias-primas e possibilidades de misturas com o barro tais como resíduos, vidros, conchas, sais minerais e outros com finalidade específica seja para passar luz ou calor, seja para preparar massa porosa ou fechada, num processo de estímulo à experimentação, à pesquisa de materiais e poética.

Ainda como parte do projeto, as experimentações perpassaram aos procedimentos cerâmicos, como a elaboração de massas, o estudo das matérias primas e suas funções, a composição e o uso de engobes e da terra sigillata, engobe estrutural, o *paper Clay* e a preparação e o uso de esmaltes (Figura 3). O tempo ainda foi suficiente para a realização de diferentes tipos de queima, como a de raku, e as de baixa e alta temperatura, em diferentes tipos de fornos, como o a gás, o elétrico e o a lenha.

Os encontros também foram atravessados por discussões a partir das produções de diferentes artistas contemporâneos, com exibição de vídeos e

CRISTELI, João Augusto; MACEDO, Juliana Gouthier; SEO, Márcia Norie. Territórios cruzados – uma experiência de pesquisa coletiva em artes visuais, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1838-1850.

imagens de suas obras e referências de textos críticas. Foram abordadas obras de: Angela Verdon (Inglaterra, 1949), Claudi Casanovas (Espanha, 1956), Antony Gormley (Inglaterra, 1950), Greg Payce (Canadá, 1956), Judith de Vries (Holanda, 1957), Katsuko Nakano (Brasil, 1942), Li Xiaofeng (China, 1965), Meggie Barnes (Inglaterra, 1940), Norma Grinberg (Bolívia/Brasil 1951), Paul Soldner (EUA, 1921), Peter Masters (Inglaterra, 1960), Tom Coleman (EUA, 1945) e Tony Cragg (Inglaterra, 1949), entre outros.

Além dessas referências imagéticas e conceituais de diferentes contextos, Adel Souki convidou outros artistas/professores, que participaram de alguns encontros, com seminários específicos das áreas em que eles atuam. Entre eles, Arwed Angerer e Christine Dotker de Koblenz, da Alemanha - Das Institut für Kunstlerische Keramik und Glas, que aprofundaram questões sobre a terra sigillata<sup>4</sup>, além de apresentarem diversos trabalhos da formação artística/universitária em Koblenz, onde há uma formação de quatro anos em cerâmica.



Figura 3 - Registros de algumas das ações do projeto 'Cerâmica: Uma Proposta Contemporânea'. Foto: Acervo Grupo de Pesquisa Cultura do Barro

Esse contato intensivo com a artista e seus modos de pesquisar/fazer é uma característica do programa Artista Visitante, que tem como uma de suas premissas a de que os participantes continuem a desenvolver projetos artísticos individuais e coletivos. E, concretamente, esses encontros desencadearam a

CRISTELI, João Augusto; MACEDO, Juliana Gouthier; SEO, Márcia Norie. Territórios cruzados – uma experiência de pesquisa coletiva em artes visuais, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1838-1850.

formação de um grupo de estudos e experimentações em cerâmica, que passou a se encontrar semanalmente no ateliê de Cerâmica, na Escola de Belas Artes.

**Cerâmica, territórios cruzados** – Nas necessárias pausas, na construção de novos olhares para os caminhos percorridos, é possível perceber que os entrelaçamentos desses momentos, quase simultâneos, - o projeto Artista Visitante, o contato com o forno da antiga Olaria e o trabalho realizado a partir dos fragmentos arqueológicos da cerâmica Xacriabá – se desdobraram em outros tantos percursos, individuais e/ou coletivos. E no re-conhecimento da “potência política, pedagógica, histórica, estética e poética dos inícios” , a instalação ‘Cerâmica, territórios cruzados’ (Figura 4) se configura como uma espécie de amalgama desses inícios vividos e de outros inícios em construção.



Figura 4 – Detalhes da instalação ‘Cerâmica, Territórios Cruzados’, no lago em frente ao prédio da reitoria da UFMG, no Campus Pampulha. Foto: Helena Costa – Acervo Grupo de Pesquisa Cultura do Barro.

A proposição da instalação, que consistiu em fazer flutuar 100 peças de cerâmica no espelho d’água do lago em frente à reitoria da UFMG, começou a ganhar corpo a partir dos entrelaçamentos iniciais que, sutilmente, instauraram uma tensão permanente no grupo: as relações entre cerâmica arqueológica, arte contemporânea e territorialidades. No enfrentamento dessa tensão, nos

CRISTELI, João Augusto; MACEDO, Juliana Gouthier; SEO, Márcia Norie. Territórios cruzados – uma experiência de pesquisa coletiva em artes visuais, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1838-1850.

propusemos, enquanto grupo, realizar uma ação artística, tendo como catalisador uma investigação individual do professor/artista João Cristeli, desencadeada no trabalho de reconstrução do objeto encontrado no território Xacriabá. Na sequência, ao recriar um modelo do artefato (Figura 5), percebeu a integração dos artefatos de base cônica à paisagem, que acolhe a forma. Associando a forte presença do rio, das águas, na cultura Xacriabá, Cristeli chegou à ideia de embarcação, sintetizada poeticamente na de flutuação.



Figura 5– Modelo do artefato, criado pro João Cristeli. Foto de João Cristeli:

Desse outro início, o desdobramento evidenciou um processo intercultural, demandando uma articulação, ou uma interseção, entre dois grupos, o da Cultura do Barro, com professores/artistas/pesquisadores, e os Xacriabás, entre estes o ceramista e pesquisador Vanginei Leite Silva, na época professor da disciplina Artes e Ofícios dos Saberes Tradicionais, da UFMG, e Edgar Correa Kanaykô, pesquisador do Projeto Saberes Indígenas, também da UFMG. O encontro envolveu o compartilhamento de sentidos e referências, coletivas e subjetivas, instaurando um diálogo cultural que mobilizou o grupo e outras tantas pessoas na reprodução de pouco mais de cem peças a partir da matriz reconstruída (Figura 6). Os trabalhos aconteceram na Estação Ecológica, numa área próxima ao forno da antiga Olaria, entre as ruínas do antigo refeitório do Lar dos Meninos Dom Orione,

CRISTELI, João Augusto; MACEDO, Juliana Gouthier; SEO, Márcia Norie. Territórios cruzados – uma experiência de pesquisa coletiva em artes visuais, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1838-1850.



Figura 6– Reproduções do objeto. Foto: João Cristeli.

As queimas das peças (Figura 7) foram realizadas em fogueiras e em um forno Anagama<sup>5</sup>, esta no ateliê de Adel Souki, em Brumadinho, na região metropolitana de Belo Horizonte, com a participação dos Xakriabás e Pataxós, de alunos do curso de Licenciatura Indígena (FIEI/UFMG), dos integrantes do Grupo de Pesquisa e convidados.



Figura 7– As diversas queimas realizadas Fotos: Acervo Grupo Cultura do Barro

CRISTELI, João Augusto; MACEDO, Juliana Gouthier; SEO, Márcia Norie. Territórios cruzados – uma experiência de pesquisa coletiva em artes visuais, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1838-1850.

**Tecendo relações** – Os caminhos percorridos - a partir de um olhar para o começo do grupo e de um dos seus momentos de “*certezas vividas*”, como na construção coletiva de uma ação artística *Cerâmica, Territórios Cruzados* - se entrelaçam, indicando um modo de pesquisa que nos impele a “perceber a complexidade movediça da realidade” (GORZ, 2012, p.31). Nessa trajetória, a atenção se volta para a rede de relações em tessitura permanente, numa construção de fluxos ou links entre insights/cotidiano/pensamento.

A pergunta - ou mais coerentemente - a problematização que se pretende instaurar nessa visita às origens emerge em diálogo com a pesquisa cartográfica proposta por Passos, Kastrup (2015, p.11), que traz a cartografia como “uma reversão metodológica: transformar o méta-hódos em hódos-metá”. Ou seja, “um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude”. Recusando um itinerário a ser seguido, os autores propõem uma atitude de experimentação, que passa por um modo de perceber o rigor como algo “próximo dos movimentos da vida” e a precisão “como compromisso e interesse, como implicação na realidade, como intervenção” (p. 11).

Nessa proposição, o que se tem é um grupo, como um território a ser explorado, e os encontros e atravessamentos – como a ação artística - que, se pensados a partir de Costa (2014, p. 77) , abrem “caminho para os fluxos, para aquilo que aponta para criação e que justamente resiste aos congelamentos”. Nesse sentido, ainda de acordo com Costa, “o que se percebe na cartografia é que o pesquisador-cartógrafo vai constituindo seus passos estando no próprio campo”. Ou seja, “o pesquisador-cartógrafo não sabe, de antemão, o que irá lhe atravessar, quais serão os encontros que irá ter e no que estes mesmos encontros poderão acarretar”. Assim as imagens se configuram como um convite à possíveis desdobramentos e imprescindíveis derivações, por declinação ou inclinação.

CRISTELI, João Augusto; MACEDO, Juliana Gouthier; SEO, Márcia Norie. Territórios cruzados – uma experiência de pesquisa coletiva em artes visuais, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1838-1850.

Seguindo nessa imersão, a partir de um cotidiano vivido e revisitado do percurso do grupo de pesquisa, os objetos flutuantes da instalação em um espelho d'água, se configuram como contraponto ao que Glissant (2005) chama de *pensamento continental*, um pensamento uno, unificado, de sistema. Ou seja, sobre a água, ou mesmo submergindo graças a porosidade teimosa de algumas peças, a presença dos objetos nos remete ao pensamento arquipélagico, que pode ser conectado à ideia de comunidade/s, ambíguas e imprevisíveis. Ou seja, a importância da diversidade, considerando estruturas, a configuração das relações, alianças e ações compartilhadas. Em outras palavras, o pensamento arquipelágico é “disperso, ágil, prudente e em harmonia com a fragilidade e as ameaças do mundo atual”. (GILROY e GLISSANT, 2005, s/p)

### **Considerações finais**

Voltando ao início dos inícios, a proposta de pensar o nosso começo, de percebê-lo a partir da ideia de origem - que deriva do termo latim *orīgo* – e que também refere-se à irrupção, surgimento ou motivo de alguma coisa, trazem questões como a de como explicamos e narramos a origem do nosso grupo? Quais recordações são mais importantes para contar a história? E, se falar de memória é também se referir ao esquecimento e lembrar não é um fenômeno estático, mas dinâmico, ficamos entre os fragmentos da memória, uns lembrados e outros esquecidos .

Memória e passado possuem uma relação direta. Esta relação está baseada no que podemos denominar um processo de recolhimento de traços ou vestígios. Assim, efetuamos um recorte do passado a partir da recordação, para construir uma seqüência narrativa - que seria um modelo subjetivo de “passado” – conectada com o presente.

Frances Yates em seu livro “A Arte da memória” (2007), preocupou-se em analisar como foi valorizada, através do tempo, a capacidade das pessoas de memorizar grandes quantidades de informações, assim como as técnicas empregadas para tal fim. Segundo Yates, a arte da memória, a partir de Simônides, contada por Cícero em *De oratore*, busca a memorização imprimindo lugares e imagens na própria memória, as “imagens agentes” que são imagens capazes de permanecer por mais tempo na memória” já que as imagens que melhor se fixam em nossa mente são as que foram transmitidas pelos sentidos, e que, portanto, ajudam a memória a estimular reações emocionais por meio destas imagens particulares.

Assim, a origem do coletivo de pesquisadores/artistas/ceramistas do Grupo Cultura do Barro foi contada a partir de diversas “imagens agentes”, que surgiram num processo de catarse coletiva, onde emoções, sensações e recordações nos guiaram até nossas origens e escancarando os rastros/resíduos, que nos remetem, novamente, a Glissant. Para ele “ não seguimos o rastro/resíduo para desembocar em confortáveis caminhos; ele devota-se `sua verdade que é a de explodir, de desagregar em tudo a sedutora norma” (2005, p.83). Entre um objeto arqueológico, uma instalação e um grupo de artistas/pesquisadores, funda-se uma errância, um “desvio que não é nem fuga nem renúncia”, mas “uma maneira opaca de aprender o galho e o vento, ser um si que deriva para o outro, a areia na verdadeira desordem da utopia” (p.84). Em outras palavras, caminhos sem rumos certos e potentes por suas tensões partilhas.

## Notas

---

<sup>1</sup> O Grupo de Pesquisa Cultura do Barro, inscrito no CNPq, é um coletivo de pesquisa e criação composto por artistas, estudantes, professores, ceramistas e pesquisadores de várias áreas, que têm em comum a realização de estudos sobre a arte contemporânea, a cultura do barro, suas derivações, implicações e desdobramentos. O Grupo surgiu da mobilização em torno de pesquisas, criação e produção em arte a partir de ações e práticas coletivas, envolvendo grupos e indivíduos de diferentes lugares e culturas.

<sup>2</sup> Grupo indígena que vive no norte de Minas Gerais, no Alto-Médio São Francisco, entre os municípios de São João das Missões, Manga e Itacarambi .

<sup>3</sup> Programa que, através de edital, seleciona artistas para desenvolverem, por tempo determinado, projetos de pesquisa de cunho artístico junto a estudantes de graduação e pós-graduação, atuando em seminários, conferências e/ou, ministrando cursos de curta duração, em diálogo com grupos de pesquisas e pesquisadores.

<sup>4</sup> Técnica milenar de revestimento cerâmico de baixa porosidade que confere à cerâmica um fino acabamento e brilho característico. Foi amplamente empregado na decoração de cerâmica arqueológica grega e romana, em especial nas figuras em vermelho e negro da cerâmica clássica grega. Esquecida durante séculos, a técnica foi redescoberta em meados do séc. XX e seu uso retomado pelos ceramistas.

<sup>5</sup> Forno à lenha, de tradição japonesa.

## Referências

COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. Revista Digital do Laboratório de Artes Visuais (LAV) - Santa Maria - vol. 7, n.2, p. 66-77 - mai./ago.2014 Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/15111>. Acesso em 22/11/2016.

GILROY, Paul e GLISSANT, Edouard. Atlântico Negro/Black Atlantic. In: Ohanian, Melik e Royoux, Jean-Christophe (orgs). Cosmograms – Seven Minutes Before. São Paulo: Kristale / 26ª Bienal de São Paulo, 2005)

GLISSANT, Édouard. Introdução a uma poética da diversidade. Tradução de Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

GORZ, André. Carta a D. História de um amor. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

KASTRUP. Virginia. PASSOS, Eduardo. ESCÓSSIA, Liliana. Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015.

YATES, Frances Amélia. A arte da memória. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

WEINRICH, Harold. Lete: arte e crítica do esquecimento. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

### João Augusto Cristeli

Artista/pesquisador, graduado em Artes Visuais (EBA/UFMG), especialista em pelo CECOR/UFMG e em Conservação e Restauração de Cerâmica, Cerâmica Arqueológica e Materiais Pétreos - Restauo di arredi e manufatti in legno pelo L'Istituto per l'Arte e il Restauo do Palazzo Spinelli – IEPHA/MG, Mestre e Doutor em Artes/UFMG. Professor Adjunto da EBA/UFMG. Líder do Grupo de Pesquisa Cultura do Barro. Atua com cerâmica, pintura, poéticas visuais e tecnologia dos materiais.

CRISTELI, João Augusto; MACEDO, Juliana Gouthier; SEO, Márcia Norie. Territórios cruzados – uma experiência de pesquisa coletiva em artes visuais, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1838-1850.



28º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas  
Origens - Cidade de Goiás - 16 a 20 de setembro de 2019

### **Juliana Gouthier Macedo**

Professora Adjunta na EBA/UFMG, onde atua no Programa de Pós-Graduação ProfArtes;. Participou do Programa Institucional de Bolsas Doutorado Sanduíche no Exterior, da CAPES, na *New York University*. Mestrado e Doutorado em Artes (UFMG) e Pós-Doutorado em Artes (USP). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Cultura do Barro. Professora/artista/pesquisadora atuou na rede de ensino pública e privada e em ONGs, participa de exposições coletivas e de intervenções urbanas.

### **Márcia Norie Seo**

Professora na Escola Guignard/UEMG, onde trabalha com cerâmica. Graduada em Bacharelado e Licenciatura em Artes Plásticas na UNICAMP (1995), Especialização em Cerâmica – Universidade de Miyazaki – Japão (1996) e Mestrado em Artes EBA – UFMG (2009). Como professora/artista atuou na rede de ensino pública e privada, tendo participado de exposições coletivas. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Cultura do Barro. Pesquisa o tema da memória em sua poética na cerâmica.